



# PALCO

JUIZ DE FORA, NOVEMBRO, 2009. ANO II. Nº 12

## RUA HALFELD TRADIÇÃO E MODERNIDADE

"Direi entretanto que a Rua Halfeld é uma reta muito comprida, começando às margens do Paraibuna e terminando na Academia de Comércio. Nos dois lados levantam-se casas, sobressaindo, pelo menos no meu tempo de menino, a Livraria Editora Dias Cardoso, uma das minhas delícias de então..." Assim o poeta Murilo Mendes descreveu a rua que melhor representa Juiz de Fora. O prédio da antiga Companhia Dias Cardoso – gráfica que imprimiu o primeiro livro de Murilo, "Poemas", há quase 80 anos – situa-se na parte baixa da Halfeld e é uma de suas 29 edificações tombadas.

O Banco do Brasil, o antigo Cine São Luiz, Edifício Clube Juiz de Fora, Palace Hotel, Banco de Crédito Real, Sulacap e o Edifício das Repartições Municipais também integram essa lista. O exemplar mais antigo é a Academia de Comércio, de 1901. "A maior parte dos imóveis tombados na cidade concentra-se nas ruas Halfeld e Marechal Deodoro",

marcado pela riqueza ornamental. Uma reforma em 1947 modificou a concepção original do projeto, adotando os traços modernos que começavam a predominar na arquitetura da cidade. Outras reformas aconteceram, com o acréscimo de andares e lajes. Mas duas tradições se mantiveram: a sirene que toca pontualmente ao meio-dia e o relógio Meridiano, que fornece a hora certa aos que cruzam a galeria. Instalada no alto do edifício, a sirene é acionada diariamente por funcionários da Joalheria Meridiano – loja da família Vieira que funciona na Pio X desde a inauguração da galeria.

Quando questionado sobre o que mudou na Halfeld ao longo das décadas, o comerciante Tanos Miana relembra os românticos tempos do *footing* dos finais de tarde. "A rua era uma passarela espetacular que reunia moças e rapazes, ponto de encontro dos namorados." Todas as tardes, rapazes observavam do meio-fio as moças que subiam e desciam as



### NESTA EDIÇÃO

GETÚLIO VARGAS  
DETERIORAÇÃO DA  
PAISAGEM URBANA

80 ANOS  
O CÍRCULO DO OURO

FAFILE  
MEMÓRIA ESTUDANTIL

ENTREVISTA  
DUDU LIMA

MAMM  
POESIAS DE VANGUARDA



salienta o diretor da Divisão de Patrimônio Cultural de Juiz de Fora, Paulo Gawryszewsky. "São construções em estilo eclético, art déco e modernista".

Aberta em 1853, a Halfeld começou com casas de pau-a-pique – que logo saíram de cena. A evolução chegou rápido e, ao final do século XIX, a rua já era referência em Juiz de Fora, sediando o Fórum e a Câmara Municipal. Nessa época, a Praça da Estação era o ponto final dos bondes que circulavam pela cidade. A partir de 1889, com o advento da eletricidade, a Halfeld ganhou fama devido aos vários importantes estabelecimentos que nela se localizavam.

O glamour do Hotel Rio de Janeiro, o requinte da Confeitaria Fluminense, a sofisticação dos salões de dança do Clube Juiz de Fora e a elegância de cafés como o Solvaterra marcaram a rua e ajudaram a desenhar a história da cidade. O comércio também floresceu. Surgiram o Parc Hotel, casa de moda onde as filhas de fazendeiros faziam seus enxovais, a sapataria Clark, a Joalheria Windsor e a Casa Oriente. A Halfeld tinha vocação para os negócios.

Que o digam os comerciantes mais antigos ainda em atividade na rua, Tanos e Mukaiber Miana. Os primos libaneses chegaram ao Brasil em 1950 e, três anos e meio depois, abriram a loja de roupas masculinas Glamour. "Viemos juntos e estamos juntos até agora", comemora Tanos. O estabelecimento fica na entrada da Galeria Pio X, considerada outro marco da Halfeld. Inaugurada em 1925, a Pio X foi construída pelo ourives Arthur Vieira, comerciante respeitado e bem-sucedido. Na época, não existia nada parecido em Minas, e no Rio havia apenas a Galeria Cruzeiro. Em pouco tempo, a iniciativa de Vieira seria amplamente imitada, alçando as galerias ao patamar de característica urbana de Juiz de Fora.

A saída da Pio X para a Marechal só foi aberta em 1934, com uma fachada assinada pelo arquiteto Raphael Arcuri. Já a frente para a Halfeld era em estilo eclético,

calçadas, à espera de um belo sorriso ou um sugestivo olhar. Se a menina lhe chamasse atenção, o rapaz podia convidá-la para tomar uma taça de sorvete na Confeitaria Fluminense ou no Bar Salvaterra. Valia de tudo para se aproximar da garota almejada. Os mais determinados podiam até seguir a moça até a porta de casa, para descobrir seu endereço. Na arte da conquista, muitos artifícios eram usados para fazer vista: chapéu, lençinho no bolso, gravata e sapato engraxado eram alguns deles. Já as mulheres abusavam do salto alto e dos cintos marcando a cintura.

Hoje as centenas de pessoas que andam por dia pela Rua Halfeld geralmente vão apressadas e absortas em seus próprios pensamentos. Se no passado a rua foi o romântico ponto de encontro de corações apaixonados, hoje ela é local de passagem de homens de negócios, senhoras fazendo compras e jovens estudantes tentando vestibular. As charmosas cafeterias cederam lugar a famosas lanchonetes. A sirene da Pio X continua, mas há muito já não pode ser ouvida em toda a cidade. O Calçadão, construído na década de 70, concentra uma multidão em constante vai e vem.

A Halfeld se tornou local de trabalho, de lazer, de expressão. O boliviano Índio Omar é um dos artistas de rua que se apresentam por lá. Com seu grupo, faz turnês brasileiras e internacionais interpretando músicas indígenas. "Gostamos de vir aqui porque é um povo carinhoso, que nos recebe bem." A rua se tornou lugar de convivência entre múltiplas raças, culturas, idades, classes sociais: todos passam pela Halfeld. E passar por lá, hoje, significa ouvir o ranco dos veículos que circulam na Rio Branco e a balbúrdia do movimento incessante da rua. Assistir a um espetáculo no Central e apreciar o som tirado das *sampoñas* e flautas cherokee que Índio Omar toca bem em frente, na Praça João Pessoa. Admirar construções antigas, que sobreviveram ao progresso, e novas edificações. A Halfeld é uma mistura de tradição e modernidade. GP



## GETÚLIO VARGAS UMA ARTÉRIA EM COLAPSO

Com seus mais de 500 mil habitantes, Juiz de Fora apresenta um quadro de sintomas característicos de uma cidade de porte médio, incluindo, aqui, todas as mazelas e benesses que configuram seu espaço urbano. Ao abordar, ainda que rapidamente, os conflitos relacionados à paisagem urbana da cidade e o complexo mnemônico e simbólico de seu sítio urbano histórico, percebemos uma sintomatologia que nos indica que a Avenida Getúlio Vargas, via central da cidade – aqui, adotada como símbolo dessa região – está em colapso.

Essa importante via apresenta sintomas característicos de uma artéria enferma, como elementos físicos deteriorados, sistema de circulação e escoamento ineficazes, existência de espaços públicos que não cumprem seu papel por não estabelecerem relações de nenhuma ordem com os habitantes da cidade, aglutinação de veículos e pedestres, além de inexpressiva conexão metabólica com o todo. Essa ineficácia metabólica gera um descompasso entre as medidas que visam à melhoria do ambiente e ao retorno efetivo destas intervenções no dia a dia da cidade, impedindo que se forme um mecanismo de *feedback*.

A Avenida Getúlio Vargas, uma das principais vias do centro da cidade, está inserida no grande triângulo formado pelas avenidas Rio Branco, Independência e Brasil e é delimitada por dois grandes pontos nodais: o Largo do Riachuelo – que já se chamou Praça da União Indústria – e a Praça Antônio Carlos. Dentro deste desenho espacial, o setor mais problemático é o que está compreendido entre as avenidas Francisco Bernardino e Getúlio Vargas, porque já se encontra em processo de deterioração, o que o torna desvalorizado também comercialmente, sendo evitado pelos usuários, principalmente à noite. Existe a necessidade de inúmeras intervenções no sentido de modificar a relação da população com o lugar. Um elemento que segrega ainda mais esta área é a presença de

vazios urbanos no espaço entre a Avenida Getúlio Vargas e a linha férrea.

Nesse ambiente, percebemos alguns de seus elementos mais marcantes, como o desenho de piso das calçadas estreitas, as fachadas das edificações de interesse patrimonial, o excesso de letreiros e toldos e a escassez de mobiliário urbano adequado. Essa paisagem agrega várias características espaciais, formais e de relação com o entorno, que apontam para a necessidade de valorizar, harmonizar e reintegrá-la à cidade, lembrando que sua análise é estabelecida sobre a percepção dos objetos físicos que a compõem: edificações, ruas, praças, mobiliário, placas, vegetação, entre outros.

Entendemos que o espaço urbano exterior, ou espaço público, mostra-se como um ambiente extremamente complexo. A diversidade morfológica das cidades exige intervenções diversas, não cabendo modelo fixo de ação. A tônica da intervenção sobre o espaço público aparece como meio de recuperar a vocação do lugar, além de levar as cidades em direção a um novo conceito urbano. Além disso, dentro do tradicional tecido urbano, existe a necessidade de se criar novos lugares a partir de áreas esquecidas, abandonadas ou desvalorizadas, até mesmo socialmente, pela população.

Carlos Eduardo Ribeiro Silveira

Arquiteto e urbanista – UFJF. Especialista em "Arte, Cultura Visual e Comunicação" – UFJF  
Mestre em "Museologia e Patrimônio" – UNIRIO.  
Professor de História da Arquitetura – Curso de Arquitetura e Urbanismo – UFJF

## 80 ANOS MINAS E O OURO

Sanfona, percussão, flauta, pandeiro e violão. Madames, lavadeiras, padres, escravos e quituteiras. Negros, brancos e mulatos. E sacos, muitos sacos de farinha. Em comemoração aos 80 anos do Cine-Theatro Central, o público foi apresentado com uma estreia do grupo de teatro Ponto de Partida. O espetáculo *O Círculo do Ouro*, apresentado no último dia 23, teve como mote a Minas Gerais do século XVIII, retratada do ponto de vista do povo.

Para recriar o clima barroco, a iluminação trabalhava com jogos de claro e escuro. Em cena, os tais sacos de farinha – na verdade, cheios de isopor – ganhavam as mais diversas utilidades, ajudando a estabelecer o espaço. Um pano de fundo tingido com cores quentes dava mais vida ao palco. O figurino, confeccionado predominantemente em algodão, foi todo inspirado nos tons de Mestre Athayde, expoente do barroco mineiro.

A peça não conta uma, mas várias histórias. Tudo se passa no período da descoberta das minas, levando para o sertão o maior contingente de habitantes jamais visto na colônia. Amor, raiva, ciúme, medo, revolta e toda sorte de sentimentos permeavam a vida dessa gente cercada por impostos abusivos e delações na luta pela sobrevivência. Em meio a todos os conflitos entre raças ou classes sociais, cada um enfrentava seus próprios dilemas.

A música do espetáculo remonta aos compositores barrocos mineiros. Vissungos, modinhas, can-

tos religiosos e de festas compõem a trilha. Os atores tiveram que aprender a dançar umbigada e contradança, moçambique e samba de roda. Também integravam a trilha canções de compositores mineiros de diferentes gerações, como Ary Barroso, João Bosco, Nivaldo Ornelas e Milton Nascimento.

Já a linguagem foi definida a partir da fala do povo e da obra de escritores mineiros contemporâneos. "Eles 'falam' Adélia Prado, Guimarães Rosa e Drummond", ressalta a diretora do grupo, Regina Bertola. Na criação do texto também foram utilizados documentos oficiais, encontrados durante a pesquisa que o grupo fez para montar a peça.

É esse o processo de criação de espetáculos do Ponto de Partida: pesquisar primeiro. Foram três anos de leitura técnica e literária, consultas a

documentos do Arquivo Mineiro e a especialistas em diversas áreas, visitas a cidades históricas e estudo da linguagem e da música do século XVIII. "Quando já tínhamos um volume grande de informação, começamos a improvisar", explica Regina. O esforço valeu a pena. Nas palavras da própria diretora, *O Círculo do Ouro* é "um espetáculo para quem gosta de teatro".



GP



## FAFILE O VERDADEIRO ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO

"Federaliza, seu reitor, a FaFILE, por favor", cantavam os estudantes, em tom de serenata, em frente à residência do reitor, lutando pela incorporação da Faculdade de Filosofia e Letras à Universidade Federal de Juiz de Fora. A FaFILE construiu sua história pautada no espírito de seus alunos e na qualidade de seu ensino e de seus professores. Com corpo de cursos muito variado, contava com estudantes de várias vocações e profissionais de diferentes áreas. "O que falta, hoje em dia, na universidade é esse espírito universitário que a FaFILE possuía, justamente por congregar tudo dentro do mesmo espaço", avalia o ex-ministro da Educação Murílio Hingel, que exerceu o posto de diretor da Faculdade.

A história da FaFILE começa em 1943, quando cidadãos ligados a um movimento católico de Juiz de Fora, o Centro D. Vital, presididos por Joaquim Ribeiro de Oliveira, se reuniram para fundar uma faculdade de filosofia com o propósito de formação de lideranças educacionais, além da preparação de candidatas para o magistério do ensino secundário e normal. Não era comum, àquele tempo, que as mulheres frequentassem cursos superiores. Na Faculdade de Filosofia, porém, "as meninas da FaFILE" – como ficaram conhecidas – formavam a maioria dos estudantes da instituição, que iniciou suas atividades apenas com os cursos de Ciências Sociais, Letras Clássicas e História e Geografia.

A Faculdade de Filosofia era a favorita dos desfiles de apresentação das comitivas dos Jogos Universitários, além de marcar presença nos esportes essencialmente femininos, como vôlei, lançamento de dardo e de disco. "Nós não tínhamos dinheiro, mas tínhamos muita criatividade. Toda a população esperava a vez da FaFILE entrar no desfile com seus enredos temáticos", relembra a ex-aluna e professora da instituição, Lucy Brandão.

Quando criada, a precariedade do espaço físico para as aulas da FaFILE, que aconteciam então na antiga Escola Normal, levou o diretor da instituição a ceder um imóvel de sua propriedade à Rua Braz Bernardino, para onde foram transferidas as atividades da Faculdade. Logo após, a sede mudaria para um prédio alugado à Rua Batista de Oliveira, na esquina com a Rua Espírito Santo. Em 1964, a direção da FaFILE decide adquirir a

residência da Avenida Rio Branco, 3.372, que constituiu sua sede própria até sua transferência definitiva para a Cidade Universitária.

Ao exigir um título de avalista para a compra parcelada, o proprietário da residência recebeu um documento com a assinatura dos mais de 40 professores da instituição, em um ato incomum, com todos se responsabilizando como avalistas pelo pagamento da dívida. A necessidade de reforma do prédio recém-adquirido levou os professores, em mais um feito altruísta, a abrirem mão de receber seus respectivos salários por tempo indeterminado, em função das obras. Em 1965, além da divisão do curso de Letras em Neolatinas e Anglo-germânicas, já haviam sido criados os cursos de Jornalismo, Didática, Pedagogia, Matemática e Ciências. Também, neste ano, é criado o Ginásio de Aplicação, Demonstração e Experimentação João XXIII, construído nos fundos da nova sede, que serviria como campo de estágio e pesquisa na área de educação.

Por abrigar cursos de constante reflexão política, a FaFILE foi considerada o centro da subversão na cidade e se tornou alvo de ações de perseguição pelas autoridades militares, chegando a ser cercada pelas Forças Armadas. Durante a ditadura, muitos militares se candidatavam ao vestibular com a finalidade de fiscalizar os alunos dentro das salas de aula.

Mesmo depois de 20 anos, a FaFILE mantinha sua formação comunitária em todas as suas atividades. Havia movimentos para arrecadação de alimentos e de remédios. "Até uma escola nós ajudamos a construir em Jacutinga. Arrecadamos fundos, compramos o material, e a Prefeitura entrou com a mão de obra", relembra Lucy Brandão.

Agregada à Universidade de Juiz de Fora desde o início dos anos 60, em 1966 a Faculdade de Filosofia e Letras foi incorporada ao patrimônio da Universidade. Quatro anos mais tarde, com a construção do Campus Universitário, os cursos administrados pela Faculdade foram distribuídos em vários locais da Universidade Federal. "A FaFILE foi a primeira a ir para o ICHL e começou a perder seu espírito com a reforma universitária, que a implodiu", recorda Hingel. Ela originou, simultaneamente, o ICHL, a Faculdade de Educação, o ICE e o ICBG. GA

## ENTREVISTA DUDU LIMA

Tudo começou quando Dudu ganhou um contrabaixo de presente de Natal, aos 11 anos. Depois vieram os estudos no Prô-Música e no Scala, em Juiz de Fora. Do Rio de Janeiro, onde trabalhou, partiu para o mundo. Entre grandes conquistas, já se apresentou no Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, e recebeu elogios do guitarrista americano Stanley Jordan, com quem estabeleceu uma parceria musical que já dura nove anos. Jordan é um dos convidados para o show em comemoração aos 80 anos do Cine-Theatro Central, em 7 de dezembro.



### O que a música lhe trouxe de melhor?

Talvez minha transformação como pessoa. Não sei se teria a visão da vida que tenho se não fosse músico. Respeito os acontecimentos e as pessoas naturalmente: a música te ensina a ouvir o outro; você começa a aplicar os conceitos, a improvisar...

### Seu trabalho seria uma releitura dos clássicos da bossa nova?

De bossa nova, baião, maracatu, choro. É isso que eu faço: decodificar os ritmos brasileiros para a linguagem jazzística. Acho que é uma tendência muito grande da minha geração de instrumentistas. Hoje em dia, a música instrumental brasileira tem uma identidade dentro e fora do Brasil. É improvisar, mas ter atrás de tudo os ritmos brasileiros.

### Falta incentivo para a música instrumental brasileira?

Esse tipo de música sempre precisa de iniciativas pública e privada. Quando se leva projetos musicais até as pessoas, elas gostam. Quando você faz o som com verdade, todo mundo entende. Deve haver mais

incentivo para a música erudita, instrumental, bossa nova e choro, que são gêneros menos comerciais do ponto de vista da mídia.

### Como surgiu a parceria com João Bosco e Milton em Ouro de Minas?

O Milton me assistiu em Búzios. Quando terminou o show, disse que quando tocasse em Juiz de Fora iria entrar em contato comigo. Ele quase não participou do projeto, mas houve um atraso na produção, e ele ligou perguntando: "Vocês ainda me aceitam aí?". Foi uma empatia. Ele queria gravar uma música chamada *Um cafunê na cabeça*, malandro, eu quero até de macaco. Chegamos ao estúdio e gravamos sem ensaio. Fiz o arranjo 20 minutos antes da gravação, comecei a tocar, mostrei ao baterista. Foi de *prima*! Para o João Bosco, mandei meu material anterior, o *20 anos de pura música*. Ele gostou, fez vários elogios e, quando veio o novo trabalho, eu pensei: vou convidar.

### Como andam os preparativos para novos projetos?

Eu já estou entrando no estúdio para fazer o trabalho do ano que vem: *Cordas mineiras*. O novo CD e o DVD são uma homenagem aos violões de Minas, que têm grande importância. E há o contrabaixo, porque eu também sou mineiro, e o contrabaixo é um instrumento de corda. Convidei Taninho Horta, Juarez Moreira, Salim, Chico Curzio, Luis Leite, Emmerson Nogueira, além do meu trio (eu, Ricardo Itaborahy no teclado e piano e Leandro Scio na bateria). Resolvi gravar o DVD dentro do estúdio do Emmerson, em São João Nepomuceno, que é muito bonito e cercado pelas montanhas mineiras.

# AGENDA

## CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.  
(32) 3215-1400  
www.theatrocentral.ufjf.br

05.11, 21h30 *Beijo Bandido*,  
Ney Matogrosso  
06.11, 21h *Dom Quixote*,  
Grand Moscow Classical Ballet  
13.11, 20h30 *A lei do Amor*,  
Grupo de Dança Over Jazz e  
Grupo Teatral Mendes Gutierrez  
Projeto Sérgio Lessa  
17 e 18.11, 20h30 *Um mundo  
de sonho*, Ballet Misailidis  
20.11, 21h *Espia Só*,  
Evandro Santo  
21.11, 19h *A Bela e a Fera*  
28 e 29.11, 20h30 *Advance*  
Ballet

## FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1.112  
(32) 3215-3850  
www.forumdacultura.ufjf.br  
Terça a sexta: 14h às 20h30

## MUSEU DE CULTURA POPULAR

03 a 27.11 Músicos

## GALERIA DE ARTE

10 a 20.11 Ensaios Inaugurais

## MAMM

MUSEU DE ARTE  
MURILO MENDES  
Rua Benjamin Constant, 790  
(32) 3229 9070  
www.mam.ufjf.br  
Terça a sexta: 10h às 18h  
Sábados e domingos: 13 às 18h

## EXPOSIÇÕES

*Canudos*  
Galeria Poliedro

*Registros de Canudos*  
Galeria retratos-relâmpago

*O universo francês*  
de Murilo Mendes  
Galeria Convergência

18, 19, 20 e 21.11  
II Seminário de Preservação do  
Patrimônio Cultural  
25, 26 e 27.11  
Seminário Euclides da Cunha:  
Cem anos Sem – 17h às 21h

## DIÁLOGOS ABERTOS

03.11, 19h Custódio Mattos

## MUSICAMAMM

12.11, 20h Márcio Hallack  
convida Nivaldo Ornelas

19.11, 20h Grupo Mukamba



## MAMM EXPRESSÕES CONCRETAS

Uma nova realidade parecia iminente no Brasil dos anos 50. Para alguns jovens poetas, a geração modernista de 45 já não atendia àquela sociedade cosmopolita e industrial na qual o país (ou parte dele) se transformara. Uma poética consonante com o período foi proposta por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. *Expressões Concretas*, em cartaz no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), resgata o vanguardismo destes jovens precursores da poesia concreta brasileira e suas ressonâncias.

É dos três fundadores do grupo *Noigandres* – Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos – a maioria dos poemas expostos na Galeria Retratos-Relâmpago. A disponibilidade gráfica das palavras e a visualidade da poesia concreta são fundamentais na composição da mostra, que traz 16 trabalhos fixados nas paredes e trainéis do museu. Doutor em letras pela PUC-RJ e curador da exposição, Anderson Pires selecionou os “poemas que ressaltassem a experiência visual concreta”, procurando os textos representativos “tanto do posicionamento estético quanto intelectual do concretismo”. Uma efetiva modificação da linguagem poética pode ser detectada nesses poemas, através da fragmentação de palavras e frases.

Célebres poemas de Décio Pignatari, como *Organismo* (1960) e *Beba Coca Cola* (1957), estão presentes em *Expressões Concretas*. O verso tradicional é eliminado nesse último poema. A partir de uma peça publicitária, o autor desconstrói e reconstrói os elementos, formalizando uma postura crítica – todas as palavras vertem para uma só, “cloaca”. Em *Um movimento* (1956), também exposto no MAMM, Décio ainda apresenta um ordenamento irregular das palavras sobre o suporte. Apenas mais tarde, influenciado pela *Gestalt*, adotaria maior rigidez neste aspecto.

Augusto de Campos é representado na mostra por seis de seus poemas: eis os *amantes* (1953) e *nossos dias com cimento* (1953) pertencem à série *poetamenos*. Augusto de Campos usou cores, o rearranjo e a junção de palavras para dar musicalidade e visualidade aos poemas. *Coisa* (1983), *Todos os sons* (1979) e *Pós-Tudo* (1984) figuram como algumas das mais significativas obras do poeta. Remata a participação de Augusto na exposição o poema *Luxo* (1965). Talvez sua obra mais conhecida, o texto apresenta o diálogo entre o conteúdo (a repetição da palavra “luxo”) e a forma (“lixo”).

Admirador do poeta e ensaísta estadunidense E. E. Cummings, Augusto de Campos traduziu e reentitulou seu poema *Uma folha cai sozinha*. Cummings também adotou a eliminação de verbos em alguns de seus poemas, além da utilização de letras em caixa-alta para atribuir novos significados às palavras. Irmão mais velho de Augusto, Haroldo de Campos tem dois poemas expostos no MAMM – *Servidão de Passagem – proêmio* (1961) e *no âmago do ômega* (1956). Neste último, assim como Pignatari, ainda não havia absorvido a rigidez no ordenamento das palavras, deixando-as soltas sobre o papel.

O uso de recursos sonoros e visuais e a decomposição das palavras foram usados também por Ronaldo Azeredo. O poema *Velocidade* (1957) deve ser visto e, como no nome, é ligeiro – na forma, na leitura e em seu conteúdo. *Petróleo* (1957), do poeta e crítico de cinema José Lino Grünewald, busca na repetição de termos o seu sentido (característica presente em grande parte de sua obra). O experimentalismo que Walter Franço insere em sua música está contido também em *Mamão D'Água* (1972).

É com o Tropicalismo, que ganha forma nos últimos anos da década de 1960, que o grupo *Noigandres* apresenta as maiores afinidades com a música popular brasileira. Caetano Veloso e Gilberto Gil são saudados pelos próprios poetas como afinados com o projeto concreto. “Essa simpatia foi importante para o início da consagração de Caetano Veloso como um artista provocador. Caetano e outros, como Tom Zé, musicaram poemas concretos. É uma relação de mutualismo”, esclarece Anderson Pires. Ambos os movimentos, musical e literário, se relacionam com a antropofagia de Oswald de Andrade e com a cultura nacional. *Batmacumba*, composição de Caetano e Gil, vai além de uma aproximação intuitiva com a produção do *Noigandres*, imergindo na valorização visual do texto, na concisão e na sobreposição de referências semânticas.

## GRUPO NOIGANDRES

Com vinte e poucos anos, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari já haviam publicado seus primeiros poemas e traduções em importantes jornais, como o *Estado de São Paulo* e o *Jornal de Notícias*. Os três jovens estudantes de Direito do Largo São Francisco já formavam um pequeno grupo unido por muitas afinidades. Elogiados pela crítica, eles foram considerados a cara de uma nova geração de poetas.

O contexto para a consolidação de um grupo inovador como o *Noigandres* foi a revigorada cidade de São Paulo pós Estado Novo e o projeto modernizante do Brasil. A inauguração de importantes centros culturais, como o MASP (1947), e grandes exposições mobilizaram a cultura paulistana. Posteriormente, o *Noigandres* contaria também com Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald. “Um dos lances mais inovadores da poesia concreta foi a exploração dos recursos tipográficos, o poema composto para ser lido e visto, escrito em uma sintaxe específica, que os concretos chamavam de linguagem ‘verbivocovisual’”, explica Anderson Pires. Foi de James Joyce, escritor que também relativizou o uso de uma sintaxe padrão, que os concretistas incorporaram o neologismo “verbivocovisual”.

Em 1952, o *Noigandres* colocou em circulação uma revista-livro homônima. Os cerca de 300 exemplares publicados deste primeiro número contavam apenas com poemas dos participantes do grupo. A segunda edição saiu três anos mais tarde e trouxe em suas páginas os poemas em cores que formam a famosa série *poetamenos*, de Augusto de Campos. Foi ainda em 1955 que Augusto utilizou pela primeira vez “poesia concreta” para designar aquela produção poética.

Ao longo das três seguintes edições da revista, os poemas tornaram-se ainda mais manifestos do concretismo, dando conta de sua diversidade, mas unidos sob um dogma. Nessas publicações, estão tanto o formalismo quanto a experimentação tão característicos deste movimento – constantes que não inibiram uma vertente criativa, variada e influente da poesia e da cultura brasileira. “Para mim, é raro um movimento em nossas letras com um raio de ação tão vasto quanto o concretismo”, avalia Anderson.

MF

## EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Reitor: Henrique Duque de Miranda Chaves Filho. Vice-reitor: José Luiz Rezende Pereira. Pró-reitor de Cultura: José Alberto Pinho Neves. CINE-THEATRO CENTRAL. Conselho: Andréa Gerheim, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos. Supervisor administrativo: Marcelo do Carmo Rodrigues.

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável: Nelma Fróis. Edição: Izaura Rocha. Diagramação: Lígia Lacerda. Bolsistas: Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF). Fotógrafo: Alexandre Dornelas. Colaboração: Carlos Eduardo Ribeiro Silveira. Revisão: Darlan Lula, Maria Auxiliadora Borém. www.theatrocentral.ufjf.br (32) 3215-1400.